



Toda a área do mapa, entre o Rio Iriri e a Transamazônica é pretendida pela Cotrijuí. Dentro dela, os Araras lutam para viver

Funai suspende trabalhos e evita choque com Araras

Do quilômetro 80 até o marco 155 da Rodovia Transamazônica e da rodovia até as barrancas do velho Rio Iriri, um dos principais afluentes do Rio Xingu, está localizado o pedaço de chão necessário para que não desapareça da face da terra a nação Arara.

Justamente nesta área, é que a Cotrijuí pretende assentar dois mil colonos gaúchos. Os trabalhos de assentamento destas famílias prosseguem na cooperativa, apesar da informação da Funai de que este trabalho vai ser agora interrompido.

O delegado da Funai, Carlos Amaury Motta Azevedo, declarou, ontem que as demarcações para a criação da Reserva Arara é hoje uma das maiores preocupações da Funai, uma vez que os guerreiros Arara não estão querendo mais nenhum acerto com os brancos.

Outro grande problema, os Araras estão hoje, reduzidos a pouco mais de cem índios. Assim mesmo, entre velhos, crianças e mulheres. O local onde foram flechados os velhos sertanistas da Funai, Afonso e João Evangelista, é uma área localizada entre os dois igarapés mais piscosos da região. Nesta época do ano, os Araras saem em perambulação entre os igarapés João Ribeiro e Rosendo. Como as águas destes pequenos rios estão baixas nesta época, os índios saem em busca de peixe, que procuram estas nascentes para desovas. Assim co-

mo os tracajás, que lhes fornecem a proteína necessária extraída da alimentação dos ovos que os índios colhem.

E ao contrário dos brancos, os índios sempre deixam a quantidade suficiente para a reprodução das espécies. Assim como os frutos naturais que são abundantes no local nesta época do ano. Estes são os alimentos de verão que os índios procuram em sua perambulação e que são vitais para o seu desenvolvimento.

A Funai, que já está tratando do problema desde 1970, suspendeu definitivamente o trabalho de atração que vinha exercendo na área. Os primeiros presentes que foram deixados nas picadas pelos mateiros e sertanistas, foram aceitos pelos índios.

Antes, porém, os Araras destruíam os tapiris construídos para depositar os presentes. De uns tempos para cá, vinha aceitando os instrumentos que eram deixados, como facões e machadinhas. Baseados neste aceite, os sertanistas abriram duas frentes de trabalho. Uma, deslocando-se das margens do Rio Iriri, na foz do Rosendo, seguindo em direção da Transamazônica. A outra frente, partiu de um antigo acampamento que foi construído na Transamazônica, no tempo da construção da estrada. Numa destas frentes, iam os sertanistas Afonso e João Evangelista, que partiram da Transamazônica, rumo ao Iriri.

Nesta área, perambulavam os últimos Araras, que foram formando pequenas roças às margens dos pequenos igarapés. Estes sinais de acampamento Arara foram devidamente registrados nos mapas dos sertanistas que se dirigiram para a área. Destacada a equipe de Afonso Alves da Cruz e João Evangelista, estes construíram, a doze quilômetros da Fazenda Maracajá, um tapiri com os presentes. Logo depois do almoço de quarta-feira, os sertanistas foram feridos pelos guerreiros Arara.

A Funai mandou a equipe da Operação Arara, composta de 30 pessoas, suspendesse todos os trabalhos de atração por tempo indeterminado, e solicitaram das autoridades, proteção para os índios na reserva até segundas instruções que deverão partir de Brasília.

A Funai pretende criar urgentemente a Reserva Arara e de lá retirar os colonos que estejam dentro da área dos índios para evitar novos conflitos. Os sertanistas e antropólogos da Funai pretendem deixar os índios em paz em seus campos de caça e pesca enquanto o clima de "pé-de-guerra", persistir.

Ontem o delegado da Funai, Carlos Amaury informou que os sertanistas estão passando bem e que tão logo eles possam receber a imprensa, relatarão o ocorrido no território indígena do Iriri.

O LIBERAL - 19/06/79

ARR 3.5